

CAPÍTULO 5

A CONTRIBUIÇÃO DA TERAPIA BASEADA EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR DA PSICOLOGIA E DA TERAPIA OCUPACIONAL

Maria Carolina Ferreira Neves¹³

Maria Mariana Raiol da Silva¹⁴

Ana Irene Alves de Oliveira¹⁵

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma desordem do desenvolvimento neurológico não degenerativo ou evolutivo com manifestação precoce, ou seja, ainda na primeira infância; com a prevalência de 10/10.000 crianças, sendo a grande maioria do sexo masculino. O critério diagnóstico na atualidade abrange alteração na comunicação social e padrões estereotipados de comportamento e interesse, além de outros sinais e sintomas clínicos que auxiliam no fechamento do diagnóstico (VIEIRA; BALDIN, 2017; MAPELLI *et al.*, 2018).

A identificação dessas características é de grande importância, visto que são déficits que podem interferir diretamente na vida da criança e dos que estão ao seu redor; concomitantemente, o rastreamento precoce destas alterações são primordiais para o início do tratamento. Araújo (2017), ressalva que, embora seja comum que não recebam tratamentos adequados ou recomendados, faz-se necessárias

¹³ Terapeuta Ocupacional, especialista em Transtorno do Espectro Autista.

¹⁴ Psicóloga, especialista em Transtorno do Espectro Autista, Técnica do CER.

¹⁵ Orientadora, doutora em Psicologia – Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA), Docente do Curso de Terapia Ocupacional na UEPA.

intervenções que favoreçam o desenvolvimento da criança. Deste modo, torna-se primordial que as intervenções sejam baseadas em evidências científicas, demonstrando maior grau de confiabilidade e eficácia.

Como ciência, a Análise do Comportamento Aplicada (do inglês Applied Behavior Analysis, ABA) não está restrita a uma profissão/formação. Neste sentido, em diversas áreas das ciências humanas e biológicas é possível o seu uso para o benefício de indivíduos com TEA. Na prática clínica, a gama de profissionais que se utilizam desta ciência é extensa, entre estes temos psicólogos e terapeutas ocupacionais.

O papel do psicólogo dessa abordagem pode ser direcionado tanto para a criança, quanto para a família. Ele trabalha com a criança os comportamentos e habilidades sociais, e orienta as famílias sobre a continuidade desse tratamento em casa. Oda (2018, p. 93) destaca como escopo “atuar além da avaliação para promover mudança, seja no (a) esvanecimento de repertório problemático, de risco ou inapropriado, ou no (b) fortalecimento de repertório saudável, apropriado e funcional.”

Com relação às intervenções baseadas em ABA, não é comum Terapeutas Ocupacionais (TOs) dirigirem esses programas de intervenção, mas podem atuar colaborando com a equipe multiprofissional recomendando estratégias que atendam às demandas sensoriais do indivíduo; fornecendo apoio e informação às famílias; e treinando cuidadores, visando melhorar a autonomia e independência na participação das Atividades de Vida Diária¹⁶, Atividades Instrumentais de Vida Diária¹⁷, educação, brincar, lazer e interação social (CASE-SMITH; ARBESMAN, 2008; WUANG; HO; SU, 2013; DUNLEAVY, 2015).

¹⁶ Atividade de Vida Diária: são as tarefas que uma pessoa precisa realizar para cuidar de si, tais como: tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, andar, comer, passar da cama para a cadeira, mover-se na cama e ter continências urinária e fecal.

¹⁷ Atividades Instrumentais de Vida Diária: são as habilidades do indivíduo para administrar o ambiente em que vive e inclui as seguintes ações: preparar refeições, fazer tarefas domésticas, lavar roupas, manusear dinheiro, usar o telefone, tomar medicações, fazer compras e utilizar os meios de transporte.

A presente pesquisa apresenta como objetivo levantar estudos que demonstram quais as contribuições do ABA para pessoas com TEA na intervenção da Psicologia e da Terapia Ocupacional. Visto os benefícios práticos são observados diariamente na rotina profissional e clínica das autoras, torna-se também necessária a investigação buscando confirmar os benefícios de acordo com a literatura a partir de métodos/abordagens baseados nesta ciência.

MÉTODOS

O artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa, descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. O material utilizado para a pesquisa consistiu em livros relacionados à temática e em artigos de língua portuguesa dos últimos cinco anos para psicologia, enquanto para terapia ocupacional foram pesquisados artigos dos últimos dez anos em língua portuguesa e inglesa. Os bancos de dados utilizados foram: Google Acadêmico; AJOT; PEPsic; e banco de teses e dissertações da UFPA, PUC-Campinas, UFSCar e USP. Como descritores em língua portuguesa foram utilizados: Autismo; Transtorno do Espectro Autista; Análise do Comportamento Aplicada; Psicologia; Terapia Ocupacional. Enquanto para língua inglesa utilizaremos: Autism; Autistic Spectrum Disorder; Applied Behavior Analysis; Psychology; Occupational Therapy.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) caracteriza o TEA como um transtorno que gera prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos que podem incluir os interesses e os padrões de atividades, sintomas que estão presentes desde a infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo (ONZI; GOMES, 2015).

Visando um melhor desenvolvimento e desempenho ocupacional, o rastreio e diagnóstico inicial é essencial para início das intervenções precocemente. Os serviços de intervenção precoce podem ser concebidos como a prestação de assistência a crianças e sua família em um determinado momento de suas vidas, voltada para garantir um melhor “desenvolvimento pessoal, intervir e fortalecer as competências da família, planejar a inclusão social da família e da criança [...] com base em aspectos multidimensionais orientado a estas famílias” (p. 50). Além disso, a intervenção para o indivíduo com TEA necessita estar baseada em evidências científicas, com dados fidedignos e que demonstrem impacto no cotidiano da criança e da sua família (CAMINHA *et al.*, 2016).

3.2 INTERVENÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIAS NO TEA

Agregar, categorizar e pesquisar em dados bibliográficos, resultando assim em produção de uma evidência científica que contribui diretamente para a tomada de decisão é um método de revisão sistemática de Práticas Baseadas em Evidências, sendo apontada como competente para análise de pesquisas clínicas, obtendo-se assim, evidências. (LACERDA, 2019).

Para que a pesquisa consiga produzir “evidências” científicas, são necessárias três características distintas: 1) relevância, o conhecimento precisa ser relevante para alguma situação aplicada; 2) suficiência, precisa corroborar com outras pesquisas do mesmo tipo, somando comprovações; e 3) veracidade, garantindo que o processo de coleta de dados não foi contaminado por distorções e nem por interesses pessoais (LIBERALESSO; LACERDA, 2020).

Oda (2018), traz em seu artigo que uma variável relevante para entender a predominância do tratamento em ABA para TEA é a sua atuação para minimizar o repertório problemático, de risco ou inapropriado, ou aumentar as chances de um repertório saudável, apropriado e funcional. Enquanto Araújo (2017), concluiu em seu estudo que crianças com TEA que tiveram seu tratamento precoce

voltado para a terapia comportamental tiveram como resultados positivos em ênfase nas áreas de domínio de percepção visual, comunicação expressiva e receptiva e atenção compartilhada.

Neste sentido, temos 28 Práticas Baseadas em Evidências amplamente difundidas no meio da atenção à pessoa com TEA: 1) Intervenção Baseada no Antecedente; 2) Comunicação Alternativa e Aumentativa; 3) Intervenção Momentum Comportamental; 4) Cognitivo Comportamental / Estratégias de Instrução; 5) Reforçamento Diferencial de Alternativo, Incompatível ou Outros Comportamentos; 6) Instrução Direta; 7) Ensino por Tentativas Discretas; 8) Exercício e Movimento; 9) Extinção; 10) Avaliação Funcional do Comportamento; 11) Treino de Comunicação Funcional; 12) Modelação; 13) Intervenção Mediada por Música; 14) Intervenção Naturalística; 15) Intervenção Implementada por Pais; 16) Instrução e Intervenção Mediadas por Pares; 17) Dicas; 18) Reforçamento; 19) Interrupção e Redirecionamento da Resposta; 20) Autogerenciamento; 21) Integração Sensorial; 22) Narrativas Sociais; 23) Treino de Habilidades Sociais; 24) Análise de Tarefas; 25) Instrução e Intervenção Assistida por Tecnologia; 26) Atraso de Tempo; 27) Videomodelação; 28) Suportes Visuais (LIBERALESSO; LACERDA, 2020).

3.2.1 Análise do Comportamento Aplicada

Entre as práticas apresentadas no decorrer do artigo, a grande maioria é baseada na ciência Análise do Comportamento. A Análise do Comportamento busca compreender a interação do homem com o ambiente do ponto de vista comportamental. Diante disso, destacamos a importância do ambiente que, além do mundo físico, leva em conta as trocas sociais com o contexto (MOREIRA; MEDEIROS, 2018).

Vale ressaltar, que segundo Liberalesso; Lacerda (2020), a Intervenção Orientada por Pais é extremamente importante e eficaz. Este tipo de intervenção apresenta como característica os pais usarem uma prática com o próprio filho. Os profissionais capacitados ensinam os pais, individualmente ou em grupo, métodos como instruções

didáticas, discussões, modelagem, treinamento ou *feedback* de desempenho. Neste contexto, o papel dos pais é usar a prática de intervenção para ensinar os filhos novas habilidades, quais sejam: formas de comunicação, maneiras de brincar ou habilidades de autocuidado, o envolvimento do filho na comunicação social e interações e/ou como diminuir comportamentos desafiadores.

3.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA A INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA

Há divergências quanto à quando começaram os questionamentos sobre as evidências científicas nas práticas clínicas em psicologia, porém foi somente em 1993 que a Divisão 12 da APA (Psicologia Clínica) montou uma força tarefa voltada para a definição e comprovação de tratamentos empiricamente comprovados. (LEONARDI, 2016).

Com isso, surgiu o conceito de Práticas Baseadas em Evidências em Psicologia (PBEP), que têm como principal definição o aumento de resultados positivos e diminuição dos resultados negativos, através de procedimentos terapêuticos. Conforme explica Leonardi (2016 apud MORAES; SILVEIRA, 2020), essa prática ainda recebe diversas críticas da comunidade científica devido a alguns critérios metodológicos.

Essa abordagem psicológica tem contribuído para o atendimento a crianças com desenvolvimento atípico, como o TEA, visto que favorece nelas a organização de fatores de Treino de Habilidades Sociais (THS), frequentemente ligados às áreas da linguagem e comportamento verbal (MATOS, 2016).

Del Prette e Del Prette (2017) constataam a importância do THS na intervenção terapêutica de transtornos em que haja um maior comprometimento nas habilidades sociais, visto que são comportamentos aprendidos. Por fim, concluem que o THS é uma

técnica de terapia do ABA que pode ser um recurso importante para a intervenção em TEA.

Em resumo, as intervenções terapêuticas têm como base a identificação de comportamentos e habilidades necessitados de melhorias, a definição e descrição de metas e/ou objetivos, através de uma intervenção planejada. Todas essas ações em conjunto, agregam estratégias empíricas para a modificação do comportamento, caracterizando as intervenções em ABA (SOUZA *et al.*, 2020).

As pesquisas em Análise do Comportamento são de suma importância para os indivíduos que possuem o diagnóstico de TEA, pois é através de um processo metódico de observação e registro comportamental que é possível planejar a intervenção, no intuito de ampliar o repertório comportamental do indivíduo com TEA (GIOIA, 2018; BARCELOS *et al.*, 2020).

3.4 AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA A INTERVENÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL

A ABA é uma ciência amplamente usada na assistência de indivíduos com TEA como falado anteriormente, contudo, ainda é pouco explorada pelos profissionais de Terapia Ocupacional, especialmente porque na visão de alguns profissionais é que a ciência não é centrada no cliente. Apesar de Welch e Polatajko (2016) referirem em sua revisão sistemática que quando implementado no dia a dia os benefícios são maximizados, pois as atividades estão baseadas no interesse da criança. Além de ser a ciência apoiada pelo governo de países como Estados Unidos da América, Canadá e Austrália por ser baseada em evidências científicas com efeitos fortes no tratamento para alcançar os objetivos terapêuticos.

Como refere a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2015), o terapeuta ocupacional é o profissional habilitado “a avaliar todos os aspectos de domínios, suas interrelações, e o cliente em seus contextos e ambientes” (p. 4). Além do exposto, este profissional

compreende a importância do bom funcionamento da tríade mente-corpo-espírito para a participação do paciente/cliente nas ocupações diárias.

O terapeuta ocupacional que usa a ciência ABA em sua intervenção, atua auxiliando para o desenvolvimento de habilidades e desempenho do cliente/paciente, levando sempre em consideração o contexto social que o indivíduo está inserido e o repertório de comportamentos presentes e os desejáveis; sabendo que o meio é impactado por esse indivíduo, e o indivíduo também impacta o meio que vive. Estes profissionais devem recordar que a intervenção necessita ser baseada nos pontos fortes do indivíduo (WELCH; POLATAJKO, 2016).

A tomada de decisão para as intervenções necessita ser de forma colaborativa, identificando estratégias de generalização, escolhendo reforçadores, possibilitando o engajamento em grupos, diminuindo os comportamentos disruptivos e promovendo habilidades de trabalho, autocuidado, lazer e diversão através de estratégias naturalistas. Somado a isso, o profissional atua observando as habilidades executivas, sensório-processuais, autorregulação fisiológica e também treinando pessoas que fazem parte do cotidiano do cliente, assim como as suas tarefas rotineiras (WELCH; POLATAJKO, 2016; CASE-SMITH; ARBESMAN, 2008).

No contexto das atividades que fazem parte da rotina do cliente temos as Atividades de Vida Diária (AVDs), segundo Simões, Ferreira e Dourado (2018), caracterizadas por tarefas dirigidas para o próprio indivíduo e que promovem e mantêm a saúde e o bem-estar geral. Neste sentido, nas AVDs incluem-se atividades de banho; uso do sanitário e higiene íntima; vestir; deglutir/comer; alimentação; mobilidade funcional; cuidado com equipamentos pessoais; higiene pessoal e cuidado com cabelo, corpo, pelos, unhas e dentes; e atividade sexual. Para a realização das AVDs de forma eficiente é necessário aprendizado das habilidades (de modo estruturado ou naturalista) associado a oportunidades de desempenho que surgem a partir da relação entre a criança e o ambiente que está inserida (PENTEADO, 2020).

Portanto, vê-se que princípios da ABA podem ser aplicados para implementação mais eficaz de intervenções baseada em evidências, especialmente pelo fato de o terapeuta ocupacional possuir aprofundado conhecimento acerca do processamento sensorial e o impacto deste no comportamento e rotina da criança. Além de ser o profissional que realiza o treinamento de pais, cuidadores e educadores para que o cliente consiga melhorar o desempenho ocupacional, de habilidades e diminuir o impacto das dificuldades intrínsecas da pessoa com TEA em seu cotidiano WELCH; POLATAJKO, 2016; CASE-SMITH; ARBESMAN, 2008).

3.5 MODELOS DE INTERVENÇÃO NO TEA COM MAIOR COMPROVAÇÃO CIENTÍFICA QUE USAM A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

3.5.1 Denver

O *Early Start Denver Model* (ESDM) é um modelo de intervenção precoce naturalista que abrange crianças com idades entre 12 e 60 meses, objetivando diminuir os possíveis atrasos do neurodesenvolvimento causados pelo TEA e acelerar o desenvolvimento nos domínios cognitivos, socioemocional e linguagem (RAMOS, 2017). Somado ao exposto, é um modelo interdisciplinar que pode ser utilizado por professores, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, médicos e analistas do comportamento (LUCIANO; SANTOS; GONÇALVES, 2021).

Para Rogers e Dawson (2014), o ESDM, visa os interesses e as inclinações particulares de cada indivíduo e, assim, promove um fundamento para sua comunicação e interação. Rodrigues, Lima e Rossi (2021) e Ramos (2017), referem que essa terapia possibilita o crescimento do relacionamento da criança que possui o TEA através de práticas de socialização com outros indivíduos sendo estimulados pelo lúdico, incorporando jogos na rotina diária a partir de atividades que estimulam a atenção conjunta.

De acordo com Howlin (2011, p. 1 apud RODRIGUES; LIMA; ROSSI 2021), “o modelo ESDM é uma intervenção para crianças pré-escolares, que incorpora estratégias comportamentais, de desenvolvimento e baseadas em relacionamentos dentro de uma estrutura de ensino naturalista”. Portanto, há uma troca na relação do terapeuta com a criança, seja comportamental ou emocional, que contribui para moldar a intervenção, e isso se mantém durante toda sua fase de desenvolvimento - até o fim da vida (ROGERS; DAWSON, 2014).

3.5.2 Método Teacch

O método TEACCH, é um modelo de ensino estruturado, tem como base a estruturação externa do espaço, tempo e atividade para promover uma organização interna da criança, possibilitando a sua organização e diminuição dos possíveis comportamentos inadequados. Sendo assim, permite a informação de rotina de modo claro e objetivo, manutenção do ambiente de modo previsível, propor atividades que a criança consiga realizar e promoção de autonomia (FORTUNATO, 2015).

Terra e Binsfeld (2018) destacam também que “esse método busca observar profundamente os comportamentos estereotipados em diferentes situações frente a diferentes estímulos e fundamentam-se em pressupostos da teoria comportamental”. Somado ao exposto, facilita a melhora e desenvolvimento da criança com TEA no que concerne às suas capacidades adaptativas (FORTUNATO, 2015).

Por utilizar materiais de instruções visuais, o método TEACCH é predominantemente desfrutado nos âmbitos escolares e clínicos. Instruções sistemáticas e objetivas diminuem as dificuldades de compreensão de linguagens abstratas, que para as crianças autistas são de grande complexidade. (SILVEIRA, 2018).

Silveira (2018), porém, alerta para a importância do trabalho multidisciplinar com a integração da família e escola no tratamento da

criança, visto que estes podem ajudá-la a estar mais preparada para lidar com os estímulos negativos.

CONCLUSÃO

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta indivíduos e sua respectiva família independente de condição social, estrutura familiar e afeto vivenciado com pares. Por ser um transtorno multifatorial de origem genética, com casuística ainda desconhecida, a intervenção clínica necessita ser direcionada e de acordo com a necessidade de apoio que cada indivíduo necessita.

A assistência para indivíduos com TEA necessita ser o mais precoce possível, especialmente por conta da neuroplasticidade entre zero e quatro anos de idade ser maior do que em crianças fora desta faixa-etária. Além disso, a intervenção necessita ser baseada em evidências científicas, com dados validados com a eficácia do procedimento comprovada.

Entre os profissionais que assistem indivíduos com TEA e usam Análise do Comportamento Aplicada na sua intervenção temos psicólogos e terapeutas ocupacionais. Os psicólogos atuam especialmente no treino de habilidades sociais, extinção de comportamentos inadequados, linguagem e comportamento verbal. Enquanto os terapeutas ocupacionais buscam compreender a interação entre mente-corpo-espírito e a participação do cliente nas suas ocupações diárias, rotina família e a inserção em diversos contextos (MATOS, 2016; AOTA, 2015).

Entre os modelos baseados na Análise do Comportamento Aplicada, mais conhecidos atualmente, estão Modelo Denver de Intervenção Precoce e o Método TEACCH. Enquanto o Modelo Denver é caracterizado por uma abordagem naturalista, usando do lúdico para o desenvolvimento de habilidades deficitárias, o Método TEACCH é caracterizado por ser mais estruturado, possibilitando a organização da criança e diminuindo possíveis comportamentos inadequados.

Portanto, vê-se a importância dos profissionais fazerem uso desta ciência na sua intervenção, especialmente por possibilitarem à pessoa com TEA um impacto positivo na sua rotina diária, na vida de seus familiares, na participação das suas ocupações e na relação com outras pessoas.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

ARAÚJO, J. **O tratamento de reabilitação do transtorno do espectro do autismo na rede pública de saúde**. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL (American Occupational Therapy Association – AOTA. Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio e Processo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26 (ed. esp.), p. 1-49, 2015.

BARCELOS, K. *et al.* Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. **Brasilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 37276-37291, jun 2020.

CAMINHA, V. *et al.* **Autismo: vivências e caminhos**. São Paulo: Blucher, 2016.

CASE-SMITH, J.; ARBESMAN, M. Evidence-based review of interventions for autism used in or of relevance to occupational therapy. **American Journal of Occupational Therapy**, n. 62, p. 416–429, 2008.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. A relação entre habilidades sociais e análise do comportamento: história e atualidades. In: N. Kienen, S. R. de S. A. Gil, J. C. Luzia, & J. Gamba (Orgs). **Análise do comportamento: conceitos e aplicações a processos educativos clínicos e organizacionais** (pp. 39-53) Londrina: UEL, 2018 (ISBN 978-85-7846-537-7). Disponível em <<http://www.uel.br/pos/pgac/publicacoes/>>

DUNLEAVY, L. Evaluation of a Continuing Education Course for Occupational Therapy Practitioners on the Use of Applied Behavior Analysis. **Occupational Therapy In Health Care**, v. 29, n.1, p. 39–53, 2015.

FORTUNATO, A. **A Importância do Método TEACCH na Inclusão de uma criança autista**, 2015. 95 f. TCC (Mestrado) - Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade de Algarve, Faro, 2015. Disponível em: <<https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7874/1/A%20import%c3%a2nia%20do%20M%c3%a9todo%20TEACCH%20na%20inclus%c3%a3o%20de%20uma%20crian%c3%a7a%20autista.pdf>> Acesso em: 22/05/2022.

GIOIA, P. *et al.* **Estudos em análise do comportamento sobre transtorno do espectro autista (TEA)**, Editora Eduel, 1ª edição, 2018.

LACERDA, R. *et al.* Práticas baseadas em evidências publicadas no Brasil: identificação e análise de suas vertentes e abordagens metodológicas. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**. 45 (3): 777-86, 2019.

LAKATUS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5º ed. Atlas, 2003.

LEONARDI, Jan Luiz. **Prática baseada em evidências em psicologia e a eficácia da análise do comportamento clínica**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

LIBERALESSO, P.; LACERDA, L. **Autismo: Compreensão e Práticas Baseadas em Evidências**, 2020.

LUCIANO, J. C.; SANTOS, L. V. R. I.; GONÇALVES, P. D. C. **O Modelo Denver de Intervenção Precoce no Autismo**: uma revisão integrativa de literatura. Orientador: Prof. Dr. Acrísio Luiz Gonçalves. 2021. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Una, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14140/1/O%20Modelo%20Denver%20de%20Interven%20c3%a7%20a3o%20Precoce%20no%20Autismo%20uma%20revis%20a3o%20integrativa%20de%20literatura.pdf>> Acesso em: 21/05/2022.

MATOS, D. C. *et al.* **Análise do comportamento aplicada ao desenvolvimento atípico com ênfase no autismo**. Universidade Ceuma, São Luís, Editora AICSA, 2016.

MORAES, P.E.H., & SILVEIRA, J.M. (2020). **Caracterização da Produção Brasileira em Análise do Comportamento Clínica: Reflexões sobre Relações com a Prática Baseada em Evidências**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Disponível em: <https://10.31505/rbtcc.v21i3.1236>.

MOREIRA, M.; DE MEDEIROS, C. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Artmed, 2018.

ODA, F. Análise do comportamento e autismo: Marcos históricos descritos em publicações norte-americanas influentes. **Revista**

Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 20, n. 3, p. 86-98, 2018.

ONZI, F.; GOMES, R. Transtorno do Espectro Autista: A Importância do Diagnóstico E Reabilitação. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

PENTEADO, L. **Habilidades de Vida Diária e autismo: revisão de literatura**. Monografia (Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

PEREIRA, A. S. *et al.* **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria, 2018.

RAMOS, S. *et al.* **Avaliação da Eficácia do Modelo de Denver de Intervenção Precoce: Estudo Comparativo de Casos**. Orientador: Dr. Paulo Renato Jesus. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Portucalense, Porto, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/1936/1/TME%20576.pdf>>.

ROGERS, S. J.; DAWSON, G. **Intervenção Precoce em Crianças com Autismo: Modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização**. Lindel. 2014.

RODRIGUES, A. A.; LIMA, M. M.; ROSSI, J. P. G. Modelo Denver de Intervenção Precoce para crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Humanidades e Inovação**, vol. 8, n. 48, 2021.

SILVEIRA, Andréa. Crianças com Autismo no Processo de Inclusão: Comunicação Alternativas e Método TEACCH. **Psicologia.PT**, ISSN 1646-6977, 09/2018. Disponível em:

<<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0448.pdf>>. Acesso em: 22/05/2022.

SIMÕES, A.; FERREIRA, P.; DOURADO, M. Medição da autonomia em atividades de vida diária. **Portuguese Journal of public Health**, n. 36, p. 9-15, 2018.

SOUSA, D. *et al.* **Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista**. v. 13, n. 1, p. 105-124, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100007&lng=pt&nrm=iso>.

SOUZA, R.; NUNES, D. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.

TERRA, Rose; BINSFELD, Carla. MÉTODO TEACCH (TRATAMENTO E EDUCAÇÃO AUTISTAS). **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta - RS**, [S.I.], v. 6, n. 1, p. 533-534, 2019. ISSN 2595-1386. Disponível em: <<http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/728>>. Acesso em: 22/05/2022.

VIEIRA, N.; BALDIN, S. **Diagnóstico e intervenção de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista**. IN: 10º Encontro Internacional de Formação de Professores, 2017.

WUANG, Y.; HO, G.; SU, C. Occupational therapy home program for children with intellectual disabilities: A randomized, controlled trial. **Research in Developmental Disabilities**, n. 34, p. 528–537, 2013.

WELCH, C.; POLATAJKO, H. Applied Behavior Analysis, Autism, and Occupational Therapy: A Search for Understanding. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 70, n. 4, 2016.